

Uma exceção que virou regra. A cesariana existe para salvar vidas quando uma situação adversa impede parto normal. A Organização Mundial de Saúde estima que a cirurgia seja necessária para até 15% dos nascimentos, mas no Brasil os índices são muito superiores a essa recomendação: 57,2% dos bebês nascem por meio desta cirurgia, nos hospitais privados, a taxa supera 80%. Este fenômeno tem sido chamado de epidemia, pelos riscos que traz à saúde.

A cesariana é uma técnica cirúrgica que retira o bebê do ventre da mãe após serem cortadas sete camadas – da pele ao útero. Além de uma recuperação mais difícil e da dor, ela aumenta a chance de infecções, hemorragias e hérnias, pode lesionar órgãos, dificulta a amamentação e o vínculo entre mãe e filho e impõe maior risco na gravidez seguinte. Para o bebê, além do risco de ser prematuro ou imaturo (retirado antes do trabalho de parto e antes de estar pronto para nascer), pode ocasionar cortes acidentais, separação da mãe, dificuldade respiratória, dificuldade para amamentar e necessidade de internação. No futuro, essa criança está mais propensa a desenvolver doenças crônicas como obesidade, diabetes, hipertensão, asma e alergias.

[illegible]